



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPINA GRANDE – CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC I  
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**GILMAR GALDINO DE MEDEIROS**

**A E.N.E. PADRE EMÍDIO VIANA CORREIA EM CAMPINA GRANDE – PB: Uma  
análise do Ensino e da Prática Pedagógica em Geografia.**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2017**

**GILMAR GALDINO DE MEDEIROS**

**A E.N.E. PADRE EMÍDIO VIANA CORREIA EM CAMPINA GRANDE – PB: Uma  
análise do Ensino e da Prática Pedagógica em Geografia.**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos

**CAMPINA GRANDE – PB  
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488a Gilmar Galdino de Medeiros

A E.N.E. Padre Emídio Viana Correia em Campina Grande –  
PB: [manuscrito] : uma análise do ensino e da prática pedagógica  
em geografia. / Gilmar Galdino de Medeiros. - 2017.

30 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos,  
Departamento de Geografia".

1. Ensino de Geografia; 2. Estágio Supervisionado; 3.  
Prática Pedagógica. I. Título.

21. ed. CDD 910

**GILMAR GALDINO DE MEDEIROS**

**A E.N.E. PADRE EMÍDIO VIANA CORREIA EM CAMPINA GRANDE – PB:  
Uma análise do Ensino e da Prática Pedagógica em Geografia.**

Aprovado em: 29/03/2017

90

BANCA EXAMINADORA

Agnaldo Barbosa dos Santos  
Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Orientador

Hélio de Oliveira Nascimento  
Prof. Ms., Hélio de Oliveira Nascimento  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Examinador

Josué Barreto da Silva Júnior  
Prof. Ms. Josué Barreto da Silva Junior  
Universidade Federal de Campina Grande-UFCG  
Examinador

**CAMPINA GRANDE – PB  
2017**

## RESUMO

MEDEIROS, Gilmar Galdino. **A E.N.E. PADRE EMÍDIO VIANA CORREIA EM CAMPINA GRANDE – PB: Uma análise do Ensino e da Prática Pedagógica em Geografia.** Artigo (Graduando em Licenciatura Plena em Geografia – CEDUC - UEPB) – Campina Grande – PB, 2017.

O docente em sua prática busca na multiplicidade dos recursos disponíveis suporte para suas aulas. No mundo cada dia mais globalizado e informatizado, com a inserção das tecnologias na educação, verifica-se cada vez mais a importância de se buscar novos procedimentos metodológicos, por parte dos professores, para o aprimoramento de suas aulas. Este artigo tem como objeto de estudo o estágio supervisionado e as competências próprias adquiridas da atividade profissional e a contextualização curricular. É a partir desta compreensão que este estudo se propõe a apresentar os resultados do Estágio Supervisionado em Geografia III e IV. Fazem parte dos objetivos as observações que o licenciando fez, após conhecimento das metodologias utilizadas pelo professor titular e a partir de um planejamento em conjunto, realize intervenções e colaborações de modo a dinamizar o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, extirpando determinadas visões equivocadas construídas acerca da Geografia escolar, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã (crítica, reflexiva e participativa), que a priori foi apenas observação das aulas do professor titular, desenvolvido na turma do 2º Ano “B” da E.N.E. Padre Emídio Viana Correia, conhecida como: “Escola Normal” e, a posteriori na turma 1º “A” – Magistério, da mesma escola.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia; Estágio Supervisionado; Prática Pedagógica.

## 1. INTRODUÇÃO

No presente artigo constam-se as atividades que foram desenvolvidas, no período de 04 á 18 junho e de 16 a 30 de julho de 2013 (Componente Curricular Estágio Supervisionado III) e 01 de Outubro a 17 de Dezembro de 2013 (Componente Curricular Estágio Supervisionado Estágio IV), pelo estagiário Gilmar Galdino de Medeiros, aluno do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba.

As atividades mencionadas foram, inicialmente de observação, na turma do 2º Ano “B”, turno manhã da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia. Que a princípio buscou-se aprofundamento do conhecimento prévio adquirido nos Estágios I e II sobre as realidades do Ensino de Geografia. Na segunda fase, no estágio de regência houve uma troca de turma que passou a ser a turma do 1º ano “A” da mesma escola e mesmo turno.

As universidades públicas brasileiras, em geral, não proporcionam aos seus discentes de licenciatura uma estrutura adequada para as pesquisas, principalmente quando se refere aos estágios supervisionados. Ao encontrarmos escolas em estado precário de conservação, com alunos desmotivados e desinteressados nas salas de aula, professores não muito dispostos a

receberem os estagiários, entre outros fatores, de certa forma, dificulta aos estagiários, fazerem uma pesquisa eficaz, participativa.

É de suma importância a compreensão da relevância desse artigo, pois o mesmo tem como objetivo geral analisar a relação entre a teoria e a prática, os conhecimentos adquiridos ao decorrer da formação do graduando e a realidade escolar, possibilitando ao mesmo observar, analisar e atuar, na área em estudo da ciência geográfica, permitindo, uma melhor compreensão do processo de ensino-aprendizagem.

Tendo como objetivos específicos: analisar a realização do estágio supervisionado em geografia na E. N. E. Padre Emídio Viana Correia, na turma do 1º ano “a” – magistério, compreender o processo de ensino-aprendizagem e as competências próprias necessárias para a atuação em sala de aula para uma eficaz mediação entre conhecimento-professor-aluno-aprendizagem e discutir as percepções dos alunos em relação à disciplina de Geografia através dos relatos, conversas informais, e de questionários relativos ao Ensino de Geografia e a regência do estagiário.

Para o desenvolvimento das competências e contextualização curricular do pesquisador, o “§ 2º do art. 1º da Lei 11.788/2008”, assegura que o estágio visa o aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho (CELE, 2008), mas infelizmente não é essa a realidade que encontramos nos estágios nas escolas, por diversas vezes os estagiários saem delas sem um mínimo de vivência da realidade escolar.

A intervenção com a utilização de recursos tecnológicos como alternativa metodológica a ser trabalhada nas aulas de Geografia se faz necessário a partir do momento em que se compreende que um dos motivos que geram o desinteresse dos alunos é a ausência de uma maneira de se abordar os conteúdos de forma a aguçar a curiosidade e a criatividade, fazendo com que o aluno seja capaz de buscar novas informações independentemente do professor, do livro didático ou da escola.

O acesso adequado às novas tecnologias é restrito nas escolas. Esses recursos tecnológicos visam atender as necessidades de professores e alunos quando se trata de envolvê-los no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, os objetivos visados pela escola, tais como o desenvolvimento pleno do aluno em todos os aspectos, formando cidadãos formais e politicamente independentes, não estão sendo alcançados em virtude da desmotivação do aluno para aprender.

Isto implica diretamente no Ensino de Geografia que, por sua tradição à memorização, de certo modo, não desperta o interesse dos alunos. Neste sentido, a pesquisa e a inserção de

recursos nas aulas de Geografia alia a dinamização das mesmas a partir da descoberta, ou seja, do esforço próprio do aluno em descobrir por si mesmo conceitos geográficos básicos propostos para o Ensino Médio como suporte para o desenvolvimento de uma compreensão concreta da realidade.

Os procedimentos metodológicos para a realização da investigação foram os seguintes: elaboração de um plano de abordagem sistemática, a realização de análise dos dados, a escolha de materiais didáticos e um levantamento para uma construção bibliográfica que fornecesse, além das informações de caráter teórico sobre o tema pesquisado. Os resultados da pesquisa são quali-quantitativos, visto que os dados coletados fornecem informações tanto em números como em argumentações.

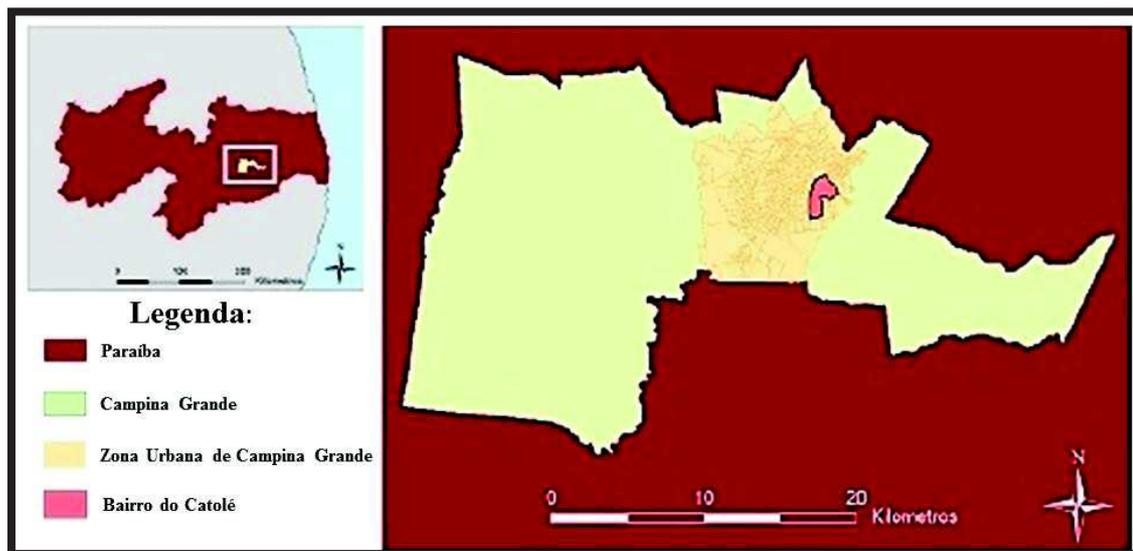
Nesse sentido a Geografia pode e deve contribuir para a formação do aluno: observar, interpretar, descrever, e analisar o mundo contribuindo para que o discente possa fazer, desde as séries iniciais, uma leitura crítica dessa realidade social, pois a Geografia é uma ciência que considera as transformações do espaço, e possibilita analisar criticamente as questões sociais que marcam cada momento histórico.

O artigo está dividido em três partes, na primeira parte, aborda-se a questão da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia, em Campina Grande-PB, localização, grade curricular, estrutura física e os recursos humanos, na segunda parte, enfoca a teoria e prática no estágio supervisionado em geografia no ensino médio baseado em alguns autores pertinentes ao tema pesquisado, na terceira, analisa a realização do estágio supervisionado em geografia na E. N. E. Pe. Emídio Viana Correia, na turma do 1º ano “a” – magistério, relatório das aulas e os dados coletados.

## **2. A ESCOLA NORMAL ESTADUAL Pe. EMÍDIO VIANA CORREIA, CAMPINA GRANDE – PB.**

A Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia fica situada na Avenida Severino Bezerra Cabral, s/n, no Bairro do Catolé (Figura 1), no município de Campina Grande - PB. Situa-se em local de fácil acesso, uma vez que está próxima ao Partage Shopping, à rodoviária, as lojas comerciais diversas como: material de construção, venda de móveis e de automóveis.

Figura 1 – Mapa do Município de Campina Grande – PB, em destaque o bairro do Catolé.



Fonte: MEDEIROS, Gilmar Galdino.

Adaptado de <http://geociencias.cprm.gov.br/novointegrador/>. Acessado em 03/04/2017.

A referida Escola foi reconhecida e autorizada para funcionamento pela Lei Estadual nº 2229, publicada no Diário Oficial do dia 08 de Abril de 1960, com a denominação de Escola Normal Estadual. Alguns anos mais tarde, a mesma foi denominada de Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia. E tem essa palavra “Normal”, pelo fato de já iniciar como escola profissionalizante, com o curso do Magistério.

A escola em análise possui uma nova direção empossada recentemente tendo como diretor o Professor Marcos Antônio Andrade, licenciado em geografia. A sala da direção situa-se num local estratégico entre a secretaria e a sala dos professores, com confortável espaço e bem receptivo, nesta é onde encontramos o organograma das atividades anuais da escola. Com o quadro docente composto por 48 professores, destes três são formados em licenciatura plena em geografia com especialização, trabalhando vinte e cinco horas semanais. Dois estão como professores regentes em sala de aula e um é o diretor da instituição.

A grade curricular da escola é dividida em dois cursos profissionalizantes: “Magistério e Eventos”. O componente de geografia sofreu alteração no número de aula semanal por conta da introdução do curso técnico em eventos, que possui apenas uma aula semanal de geografia. Já o curso de pedagogia (Normal/Magistério), dura um ano a mais que o ensino médio regular e contém duas aulas semanais de geografia. Contudo os professores regentes da disciplina geografia não utilizam um livro didático específico e também os discentes. Logo as pretensões pedagógicas no caso dos conteúdos ficam a critério dos professores que seguem os PCNs de geografia para o ensino médio.

A estrutura física da escola é composta por 13 salas de aula, 01 sala para a direção, 01 sala para a secretaria, 01 sala para os professores, 01 sala de orientação pedagógica, 08 banheiros, 01 cantina, 01 quadra poliesportiva coberta, 01 Sala de vídeo e 01 Laboratório de Informática. Entretanto a escola está sendo ampliada, estão construindo laboratórios e também está passando por uma reforma.

As salas de aulas dispõem de uma boa iluminação natural e a artificial é razoável, pois contém algumas lâmpadas queimadas; as mesmas possuem dois tipos de quadro (branco e de giz), as carteiras estão em bom estado de conservação, são anatômicas e contém em número satisfatório. Por conta que da reforma que a escola está passando, as salas de aula estão sem portas. Em relação ao número de alunos por turma dos professores de Geografia é bastante flexível onde o maior número é encontrado no turno da manhã com turmas variando entre 15 e 20 alunos e no turno da tarde e noite com média de 8 a 10 alunos por turmas. Outro ponto importante a destacar é a questão da evasão escolar, um problema que a escola vem enfrentando há alguns anos; as cadernetas dos professores contém em média 30 a 35 alunos matriculados, mas na realidade metade frequentam regularmente as aulas.

Possui uma biblioteca pequena (Figura 2) em relação ao tamanho da escola, porém encontra-se bem organizada, com um bom acervo de geografia, riquíssima em mapas de diversos temas a disposição tanto dos alunos como dos professores para efetuarem pesquisas, utilizarem em apresentações ou em suas aulas como recurso didático. Funcionam os três turnos estando sempre presente uma bibliotecária.

**Figura 02: Parte interna da biblioteca da E.N.E. Pe. Emídio V. Correia.**



**Fonte: MEDEIROS, Gilmar Galdino. Pesquisa de campo – 2013**

A sala de vídeo está à disposição dos professores, porém só pode ser utilizada com uma requisição antecipada, com uma TV de LCD 42 polegadas e aparelho de DVD. Contudo, conta com um pequeno espaço. O laboratório de informática funciona nos turnos manhã, tarde e noite, possui vinte 20 computadores em bom estado de conservação e razoavelmente modernos e a sala é climatizada, a mesma é utilizado só quando solicitado pelo professor para alguma atividade, isso para o ensino regular, em relação ao técnico em eventos em sua grade há aulas de informática.

O conhecimento do espaço escolar se faz de extrema importância no aprendizado de um estagiário, visto que é a partir da realidade encontrada no ambiente escolar que se poderá apreender de forma mais clara o ensino-aprendizagem da escola onde o estágio está acontecendo. Para tanto se busca, inicialmente, a construção de um projeto de intervenção, no qual servirá de aporte para uma regência efetiva e significativa no estágio. As escolas públicas, por vezes deixam a desejar no que se refere ao seu espaço físico e a inexistência de alguns materiais básicos para uso pelos estagiários, de acordo com Kimura (2010, p. 20) ao afirmar que:

Frequentemente, vemos alunos vindos dos estágios de prática de ensino assustados por terem seus projetos didáticos dificultados ou até inviabilizados, dada a carência de, por exemplo, um retroprojetor ou até mesmo de um simples mapa-mural, material tão importante para o ensino de Geografia. Para não falarmos da inexistência de aparelhos como a máquina de Xerox, “[...] que permitem a reprodução de textos ou outro material planejado cuidadosamente. Se as escolas públicas dotadas de tais condições são poucas, mais raras ainda são as escolas que dispõem de instrumental de informática colocado à disposição dos professores, e menos ainda dos alunos”.

Considerando o exposto, a autora explicitou a realidade encontrada nas escolas pública brasileira que nem sempre possibilitam uma experiência de estágio significativa com contribuições efetivas para os estagiários, que durante o tempo de atuação pode ser considerada como o próprio conhecimento na prática educar para vida profissional. Com base no percebível revelado pela estudiosa a estrutura social da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia, tem a necessidade de uma política social e pública, através do órgão do governo de mudança em sua infraestrutura interna de forma geral.

A sala dos professores possui um espaço amplo bastante confortável com o horário das aulas fixado na porta, armários individuais, mesa e cadeiras que possibilitam um agradável ambiente de trabalho e relação com outros professores. Além da sala de professores a escola também conta com uma sala de trabalho pedagógico onde se encontra toda equipe de orientação pedagógica. Em um

pequeno “cubículo” existe a sala de reprografia “particular” tanto de uso docente como discente, com preço de mercado e cópia de boa qualidade.

A escola não dispõe de refeitório, porém conta com um pátio interno (Figura 3), que serve para exposições de trabalho, palco para apresentações culturais, mesas a disposição dos alunos para estudarem ou fazerem suas refeições. Já o espaço externo dispõe de estacionamento amplo, lanchonete, quadra poliesportiva e uma área vazia sem utilização.

**Figura 03: Pátio da E.N.E. Pe. Emídio V. Correia.**



**Fonte: MEDEIROS, Gilmar Galdino. Pesquisa de campo – 2013.**

Em relação ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, cujo é muito carente de informações, não está atualizado, apresenta pouca ligação com o PNE, porém a escola trabalha relacionando os Planos Estaduais de Educação, políticas educacionais, realidade da escola no espaço que ela está inserida recebendo alunos de Campina Grande e cidades circunvizinhas, proporcionando um ensino de qualidade e acolhendo toda a comunidade que dela depende. Frequentemente há eventos na escola, como feira de ciências, gincanas, plantão pedagógico e reuniões. Os pais dos alunos e a comunidade em geral mantêm uma relação intrínseca o que é de grande importância para o bom desempenho educacional da instituição e dos discentes.

Em relação à turma (Figura 4) onde o estágio ocorreu pode-se destacar os seguintes aspectos: é uma turma formada por mulheres, faixa etária de 17 a 25 anos, possui 14 alunas que frequentam regularmente, a sala é bastante organizada e as alunas se comportam muito bem. A relação da turma com o professor de Geografia é boa, porém com a troca de professores não podemos afirmar como ficará essa relação à posteriori.

**Figura 04: Turma do 2º Ano “B” da E.N.E. Pe. Emídio V. Correia.**



**Fonte: MEDEIROS, Gilmar Galdino. Pesquisa de campo – 2013.**

A escola é bastante dinâmica em relação aos eventos nacionais tais como conferências, as olimpíadas de matemática e português, é notável também o entusiasmo e dedicação dos alunos na participação, organização e realização dos eventos mencionados. No caso das turmas de evento as mesmas fazem estágio em eventos que ocorrem na escola e na cidade como o “Maior São João do Mundo”.

### **3. TEORIA E PRÁTICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO**

No presente artigo é necessário distinguir diferentes concepções que podem inspirar a construção sobre a educação e como educar para vida cidadã, o que se considera fundamental e que está na base das diversas propostas de como atuar, intervir, e transformar a dinâmica socioeducativa, enquanto ato de conhecimento e de constituir bases sólidas para uma Geografia especialmente voltada no âmbito às fontes da educação.

No ensino básico, as Ciências Humanas são um dos elementos responsáveis pelo desenvolvimento de um ser dotado de consciência social. Assim, poderá entender a sociedade em que vive como uma edificação humana, e perceber-se-á como um agente social capaz de interferir na sociedade. Nesse contexto, o estudo da Geografia possibilitará aos educandos, a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza, e as diferentes relações que são estabelecidas na construção do espaço geográfico.

O Estágio Supervisionado é essencial no processo de formação do licenciando em Geografia, bem como das demais áreas de Ensino, pois possibilita aos discentes momentos de experiências e práticas, além de oportunizar a prática as teorias aprendidas durante a sua formação, trazendo uma visão da realidade profissional aproximando, de certo modo, os conhecimentos acadêmicos das práticas a serem desenvolvidas no processo de ensino aprendizagem. É na realidade da sala de aula, seja qual série/ano for que se percebe e se descobre que na prática não existem fórmulas prontas, nem conhecimentos acabados. No entanto, Passini (2010, p. 26) afirma que:

A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado são significativos nos cursos de licenciatura, e não deveriam ser realizados apenas como um componente da grade curricular, mas sim contextualizados e comprometidos com a transformação social, unindo formação profissional e pessoal, responsabilidade individual e social. Deveríamos exercitar nosso profissionalismo na construção do conhecimento individual e coletivo, como professores e alunos, ambos cidadãos responsáveis e participantes.

Dessa maneira, se evidencia a influência que o Estágio Supervisionado desempenha na formação dos licenciandos, porém fica claro que o estagiário deve ser profissional, desempenhando seu papel da melhor forma possível, trazendo contribuições para a sua formação e para os alunos que fazem parte da sua observação e pesquisa. Este não deve ser apenas uma obrigação curricular, mas visto como oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Para uma transformação que gere um efeito positivo no Ensino, em especial o de Geografia, é indispensável que haja uma reformulação nas práticas adotadas por aqueles que fazem o Ensino em si; sejam professores ou gestores. Pois, se observa que as criações das práticas que mobilizem toda a Escola causam melhores resultados. Sabe-se que a pesquisa é de extrema importância, no que concerne ao estágio supervisionado, pois a mesma possibilita o conhecimento real da educação básica do Brasil, para que, assim, posasse-se buscar soluções para as mazelas que afligem o sistema educacional do país. Partindo do fato exposto, Pontuschka (2009, p.68) diz que:

O objetivo das diferentes produções e dos debates consistia na tentativa de descobrir meios para minimizar a compartimentalização dos conteúdos escolares e a distância entre o Ensino de Geografia e a realidade social, política e econômica do País, ambos discutidos no âmbito da universidade.

Com isso, verifica-se que a autora, faz refletir sobre a teoria que é vista, estudada e debatida, nas universidades, e como a mesma é trazida para a experiência em sala de aula, se

os licenciados estão realmente preparados a fazerem da Geografia parte integrantes do dia a dia do seu aluno, ou seja, fazendo com que os conteúdos dos livros didáticos e os conhecimentos trazidos às aulas, condizem com a realidade vivenciada pelos alunos. Quando os educandos remetem-se a disciplina de Geografia, sempre a enfocam como sendo, de certa forma, inútil para sua vida, achando-a sempre chata e repetitiva. O papel do professor é sempre, que possível, trazer os conteúdos lecionados para a convivência real do aluno no meio em que vivem.

A discussão sobre as metodologias de ensino, atualmente, assume novas formas em vista da percepção que se tem em relação às abordagens feitas pelos alunos e até mesmo pelos próprios professores sobre a realidade da sala de aula. As metodologias não são meras formas “neutras” nas quais os conteúdos são apenas depositados; os conteúdos estão cada vez mais específicos, o que exige, de certa forma, maior coesão nas suas maneiras de produzir e transmitir seu conhecimento.

Sem dúvida as metodologias que se adotam em sala de aula trarão reflexos para a vivência dos alunos. É do conhecimento de todos que grande parte do desinteresse dos estudantes, em todos os níveis de escolaridade, vem da forma como os professores abordam as temáticas na classe; e quando se remete ao Ensino de Geografia essa situação se agrava ainda mais, visto que, num contexto histórico, e apesar das grandes transformações por que passou a disciplina, esta é vista ainda como algo sem utilidade e de memorização, como mostram os PCNs:

A memorização tem sido o exercício fundamental praticado no ensino de geografia, mesmo nas abordagens mais avançadas. Apesar das propostas de problematização, de estudos do meio e da forte ênfase que dá ao papel dos sujeitos sociais na construção do território e do espaço, o que se avalia ao final de cada estudo é se o aluno memorizou ou não os fenômenos e conceitos trabalhados e não aquilo que pôde identificar e compreender das múltiplas relações aí existentes (BRASIL, 1997, p. 108).

Esse problema vem se arrastando no ensino de Geografia há muito tempo. Apesar do enfoque que hoje é dado para a disciplina voltando-se aos sujeitos sociais e ao espaço geográfico em si, o que se presencia nas salas de aulas são alunos cansados de uma matéria que os sobrecarrega de conteúdos enfadonhos e de memorização. Que reflexo deixarão os professores no olhar científico aos estudantes, para com as relações entre o poder e o saber? Possivelmente se quer deixar a melhor impressão. Para isso, é preciso que se busque inovar na forma como se está trabalhando em sala de aula.

As formas mais tradicionais com quadro-negro/giz, aula expositiva/livro didático, exercícios escritos/correção não mais suprem efeitos como era no passado, se realmente tinham algum efeito, mas o que fazer se muitas vezes nos deparamos com escolas, que possuem apenas o livro didático como recurso metodológico a ser utilizado? Se grande parte das escolas não tem estrutura de comportar um laboratório de informática, uma boa biblioteca e muito menos recursos didático-pedagógicos que ajudem nas aulas? As respostas podem ser simples e dependem de cada professor, como Kaercher (2000, p. 138) destaca:

[...] ouvir os alunos, sistematizar as suas falas, criar e estimular as polêmicas e as dúvidas, textualizar as dúvidas e conclusões elaboradas procurando sempre surpreendê-los. Provocar surpresas que estimulem a paixão pelo aprender, paixão em discutir com o grupo e pensar em novas formas de organização de nosso espaço e de nossa sociedade que visem um mundo com mais justiça e pluralidade.

Como se pode observar no exposto, não é apenas o uso de recursos como projetor, vídeos, músicas, dentre outros, que vai surtir efeitos positivos nas aulas. Se não houver diálogo com os alunos, se os mesmos não forem ouvidos, se não forem esclarecidas suas dúvidas e, principalmente, se tais recursos virarem uma rotina cansativa, os efeitos serão igualmente desastrosos. O fundamental é provocar sempre surpresas, despertar a paixão pelo aprender em cada estudante, o simples desejo de aprender pelo aprender, e quando se fala no contexto do Ensino Médio, essa prática deve ser constante.

Ouvir o aluno deverá ser o recurso mais utilizado na sala, uma vez que se lida com adolescentes, jovens, ou seja, seres pensantes, atuantes, que tem seus conhecimentos, suas opiniões, conclusões, dúvidas, que dialogam e estão com uma sede imensa pela descoberta, para conhecer o novo e o já existente. Sendo o ensino em que o professor e aluno estariam trabalhando em conjunto, de modo a cooperar com a aprendizagem, conforme Libâneo (1991, p.79), diz que:

Devemos entender o processo de ensino como o conjunto de atividades organizadas do professor e dos alunos, visando alcançar determinados resultados (domínio de conhecimentos e desenvolvimento das capacidades cognitivas), tendo como ponto de partida o nível atual de conhecimentos, experiências e de desenvolvimento mental dos alunos.

Partindo do conhecimento dos conteúdos a observação ou percepção dos discentes, é desenvolvida a inserção social que é de grande relevância, pois sempre estará atribuindo significado e sentido aos conteúdos fundamentados teoricamente em sala de aula. Quando acontece o entendimento dos conteúdos, em específico, na referida pesquisa a categoria

geográfica Lugar, essa trará aos alunos a percepção do espaço, as noções de espacialidade, eles terão percepção de si como ser geográfico, construtor do espaço, atuante, os vínculos com seu Lugar de vivência, o que lhes é familiar e característico. A partir dessa percepção é construída de maneira natural a importância da ciência geográfica para a vida de cada um dos educandos.

#### **4. A REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NA E. N. E. PE. EMÍDIO VIANA CORREIA, NA TURMA DO 1º ANO “A” – MAGISTÉRIO.**

No primeiro semestre procurou-se a escola “Normal” para observação da turma do 2º ano “B” no Estágio III, a instituição foi bem receptiva. A princípio foi pedido autorização para registros fotográficos do ambiente de estágio e da turma a ser observada, que tinha como professor titular Marcos Andrade, atual diretor da escola. A partir dessas observações produzir-se-ia o projeto de intervenção, o qual seria aplicado nessa mesma turma, visto à problemática já observada na mesma que era a desmotivação em relação à disciplina de Geografia. Ao fim do estágio de observação retornou-se para a universidade para ser exposto, a professora orientadora, a problemática evidenciada, e em seguida, construir o Projeto de intervenção para a possível resolução da problematização levantada.

Ao retornar a escola para a regência, algumas modificações ocorreram no quadro de funcionários (principalmente os professores de geografia) e no horário, pois, houve eleição para a nova direção da escola e quem foi eleito novamente para o cargo de diretor da instituição foi o professor de geografia Marcos Andrade, que observara exercendo a regência titular da turma que pretendia reger as aulas. O horário foi modificado para atender as necessidades dos professores que saíram do cargo de diretor e voltaram a exercer a função de professor.

O primeiro problema encontrado foi à incompatibilidade do horário da turma, onde exerceu-se a observação, com o horário da universidade destinado para estagiar, este, por sua vez, na terça-feira e a turma que observou-se as aulas, agora estava disponível apenas na quarta-feira de acordo com o novo horário. Com isso a alternativa viável seria escolher uma nova turma para exercer a regência. Logo, o projeto de intervenção desenvolvido no estágio III para ser colocado em prática no estágio IV ficara inválido, pois não teria como pôr em prática o que foi pensado para uma turma e colocar para funcionar em outra. Imediatamente, foi necessário desenvolver outro projeto de intervenção, o qual segue em apêndice.

Outro entrave encontrado foi o fato de não conhecer o professor titular com o qual exerceria a regência na nova turma. Então, de posse do novo horário e do nome do novo professor titular o procurou-se na sala dos professores e mandaram que aguardasse a sua chegada. Nesse meio tempo, observou-se o horário e concluiu-se que a turma mais viável para o Estágio IV seria o 1º “A” (Figura 5).

**Figura 05: Turma do 1º ano “A” – Magistério da E.N.E. Pe. Emídio V. Correia.**



**Fonte: MEDEIROS, Gilmar Galdino. Pesquisa de campo – 2013.**

Quando o professor chegou, apresentei-me e evidenciou-se a situação, ele foi muito carismático e bem receptivo, perguntado sobre as turmas disponíveis informou que todas estavam à disposição, logo ele perguntou da minha disponibilidade e informei que apenas as terças-feiras estaria disponíveis para o estágio. Então, sugeri a ele de ficar com a primeira e segunda aula do 1º ano “A” Magistério. O professor José Leite concordou e marcou um encontro para discutirmos os conteúdos que seriam ministrados.

No intervalo o professor apresentou a relação dos alunos e a ementa do curso. Destacou que o assunto do 1º e 2º bimestre já teria sido trabalhado pelo professor anterior, o assunto do 4º bimestre estava sendo trabalhado numa mostra pedagógica que estavam organizando para a primeira quinzena de outubro de 2013 e o assunto que seria trabalhado no 4º bimestre seria o do terceiro bimestre, pois alegou que não deu tempo para ser ministrado como planejado para o terceiro bimestre de acordo com a ementa.

Portanto, o assunto disponível era: “A atmosfera e sua dinâmica: o clima mundial”. Após essa pequena reunião ficou marcado para começar a regência na semana seguinte dia 22 de Outubro de 2013. Ele enfatizou que gostava de estar presente observando o estagiário, pois

achava válida e proveitosa à apreciação do estagiário, uma vez que poderia vivenciar as metodologias aplicadas e conseqüentemente adota-las para sua práxis.

De posse do conteúdo, foi planejado como seria a primeira aula, após uma pesquisa sobre o mesmo confeccionou-se uma apostila para ser distribuída na turma. A pesquisa e a produção dos conteúdos trabalhados eram mais que necessária, pois, a escola não disponibiliza livros didáticos para os alunos. Para conseguir os conteúdos valeu-se das experiências de quando cursava o Ensino Médio, além dos PCNs, livros didáticos, da internet e de outros meios como telejornais, vídeos etc. A professora orientadora do estágio propôs que todas as aulas fossem planejadas e acompanhadas por um plano de aula (os quais seguem em apêndice). Foi planejada para cada aula uma atividade com uma pontuação “X” que seriam somadas ao final do bimestre formando uma nota.

#### **4.1 Relatório da regência vivenciado na turma 1º ano “A” magistério da escola Normal.**

Aula dia 22 de Outubro de 2013. Tema: Atmosfera e suas camadas. Ao chegar para o primeiro dia de regência na escola estava ansioso para conhecer a turma e colocar em prática o planejado. Aguardou-se a chegada do professor, para apresentar-me a turma. Com sua chegada seguimos para a sala de aula, como estava ciente de que a turma era pequena e de que os alunos só chegavam atrasados, de acordo com o professor, não foi nenhuma surpresa entrar na sala de aula e ter apenas quatro alunos nos aguardando. Esperamos cerca de dez minutos para chegar mais alguns. Uma turma que durante todo o estágio de regência não superou a frequência de 14 alunos.

O professor me apresenta aos que estavam em sala, até então, e me concede à regência. Apresentei-me e ressaltéi a importância da colaboração deles para a formação acadêmica, expliquei que ficaria com eles até o fim do bimestre e que pretendia aprender muito com eles. Destaquei a importância da Geografia no meio em que eles vivem, enfocando a categoria do espaço geográfico: o espaço vivenciado por eles; do território que pode ser até a sala de aula deles; da paisagem que eles observam, entre outras.

Após o primeiro contato expus o conteúdo que seria trabalhado durante o quarto bimestre e o projeto que pretendia desenvolver com a turma, logo em seguida coloquei no quadro o assunto da aula do dia. Como era o primeiro contato e conforme planejado, uma aula de 40 minutos seria para a apresentação, da importância do estágio e discussão da ciência geográfica, e a outra seria com a distribuição do conteúdo impresso para leitura, debate, discussão e assimilação do conteúdo.

Utilizando a dinâmica da leitura de texto com a participação de todos. Antes conduzi os discentes a refletir sobre perguntas referentes ao assunto, foi topificado no quadro as respostas dadas por eles, em seguida foi feita uma discussão acerca do que foi apontado, apliquei uma atividade complementar com questões de vestibulares e do ENEM para melhor fixar o conteúdo da aula, a atividade foi respondida e corrigida em sala.

Aula dia 29 de outubro de 2013. Tema: Composição da atmosfera e o Efeito estufa. O segundo contato com a turma foi marcado pela retomada do conteúdo anterior para que assim fosse possível a continuação do tema. Inicialmente teve-se uma explanação oral do conteúdo junto à turma para ver o quanto de conhecimento os mesmos tinham acerca da temática. Foram levantados pontos com palavras e expressões proferidas pela turma para em seguida ser trazido de forma efetiva para o assunto.

Percebeu-se que os discentes sabiam pouco em relação aos componentes da atmosfera e principalmente sobre o efeito estufa, que para muitos era visto com algo nocivo apenas. Esclarecidas as dúvidas, o segundo momento da aula foi pautado na aplicação de um exercício para fixação do conteúdo com questões de vestibulares e ENEM. Após, dado um tempo para que eles respondessem e em seguida foi feito um debate com a correção das questões.

Dia 05 de novembro de 2013. Tema: Elementos e fatores climáticos. Na aula anterior o professor sugeriu que esta aula poderia ser no laboratório de informática, planejei como foi sugerido, porém, algumas observações devem ser feitas. O planejado era uma aula bastante interativa utilizando um software que se aplicasse dentro do conteúdo que estava sendo trabalhado.

A primeira dificuldade, após várias horas de pesquisa, é que não foi encontrado nenhum programa de informática que se adequasse a aula. Hoje em dia temos diversas mídias educacionais, porém, enfrentar o desafio de saber utilizá-las de modo eficiente e permitir que elas contribuam de modo mais decisivo para aperfeiçoar as práticas pedagógicas, é um desafio para o profissional da educação (LEITE, 2011), o problema não está no professor, mas na falta de capacitação do mesmo para saber onde encontrar o recurso da informática e como utilizar em sala de aula.

O programa de computador que as escolas utilizam dificulta ainda mais o funcionamento do plano de aula seguir como planejado. O que dar a entender é que alguns professores não estão habilitados para uso de recursos tecnológicos em salas em suas aulas a não ser o “giz e apagador quando a escola tem. A academia critica os professores por não utilizar vários recursos tecnológicos nas suas aulas, confrontando com as universidades Leite (2011, p. 23) esclarece que:

Como a maioria dos professores não foi formada para ensinar por meio da tecnologia seria urgente a qualificação do docente. Muitos, heroicamente, estão aprendendo a fazer fazendo, mesmo não tendo intimidade com todos os recursos hoje disponíveis.

A academia que forma este professor não o habilita para o mundo digital, cabe a ele como educador buscar conhecimento para tornar sua aula diferente e eficaz. Ao adquirir este conhecimento procurei inserir na aula uma outra técnica, mas internet é lenta, e não teria como visualizar o vídeo. Como “plano B”, O professor aprende a baixar o vídeo e grava em DVD, logo o aparelho que faz a leitura é antigo e não consegue lê o que está gravado. A solução foi voltar para a turma e seguir a aula normal de cada dia. Ou seja, é muito difícil para um professor criar uma aula diferente, e nem sempre ele tem tempo para criar essa aula, já que não se tem só uma aula e/ou turma por dia, além das diversas vezes que a falta de recursos tecnológicos de qualidade e que realmente funcionem, colaborem com o professor.

Essas experiências foram vivenciadas pelo estagiário e refletidas não apenas como estagiário, mas como professor que sou. No entanto, a aula foi bastante interativa utilizando a sala de informática, como meio para acessar a ferramenta slide share, a qual, se encontra disponível na internet e continha o assunto da aula, com a participação dos alunos e interação com o estagiário. Como a internet era o recurso da informática mais acessível, foi elaborado questões para serem respondidas pesquisando na mesma.

Após o estudo dirigido e as discussões sobre o conteúdo foi inserido uma dinâmica: “assimilando imagens a seus conceitos”, na qual, utilizou-se imagens impressas e conceitos respectivamente a cada imagem, logo um aluno lia o conceito que estava com ele e um outro aluno apresentava a imagem que ele pegou referente ao conceito exposto. Após esta dinâmica seria exposto um vídeo de aproximadamente 7 minutos, porém não foi possível por dificuldades técnicas citadas anteriormente.

Aula dia 12 de novembro de 2013. Tema: Zonas climáticas e tipos de climas mundiais. Para demonstrar as zonas climáticas globais utilizou-se mapas e os alunos foram induzidos a refletir sobre a influência das zonas climáticas e a perceber em qual das zonas climáticas está inserida a cidade de Campina Grande – PB. Bem como conhecer as principais características dos tipos de climas mundiais, como o clima desértico, o tropical, o temperado entre outros. Após a aula discursiva foi proposto que os alunos colorissem um mapa com as zonas climáticas globais e descrevessem as principais características de cada uma.

Aula dia 19 de novembro de 2013. Tema: Fenômenos meteorológicos, tipos de nuvens e tipos de chuvas. Nesta aula foi usado recursos de multimídia, como o Datashow, para facilitar a exposição do conteúdo, através de visualização de imagens para aguçar a atenção dos alunos. A aula foi planejada com antecedência, reservei na secretária da escola o recurso tecnológico que pretendia utilizar e preparei todo o conteúdo em slides, além do impresso que é sempre entregue para os alunos no início de todas as aulas.

No dia desta aula, ao chegar à secretaria o Datashow reservado estava quebrado, utilizou-se outro, no mesmo horário estava reservado por outra professora. Mas, ela chegou e percebeu a minha aflição, emprestou o aparelho para ministrar a aula. Na sala de aula mais problemas ocorreriam, o plugue do aparelho não era compatível com a tomada e a escola não dispunha de um “T” para essas ocasiões, alegaram que o professor é quem trás o seu de casa. Contudo, a secretária retirou um do computador da secretaria e o emprestou.

De volta à sala de aula, ao ligar o aparelho não havia local apropriado para projetar a imagem e, além disso, o programa do aparelho era o “Linux”, um pouco estranho para mim. E como o quadro não era local apropriado para projetar a imagem, esta ficou distorcida e desfocada dificultando a visualização do que estava no slide. Porém, a aula foi uma das melhores, os alunos ficaram encantados com os tipos de nuvens que existem, falaram que já haviam observado nuvens daquele tipo, mas, não tinham prestado atenção na forma delas e não sabiam o nome das mesmas. Após à apresentação e discussão do conteúdo saímos para o estacionamento da escola para observar as nuvens (Figura 6).

**Figura 06: Aula no exterior da E.N.E. Pe. Emídio V. Correia, sobre os tipos de nuvens.**



Fonte: MEDEIROS, Gilmar Galdino. Pesquisa de campo – 2013.

Acima, a turma observando as nuvens na parte externa da escola como atividade proposta pelo estagiário: identifica-las pelo nome de acordo com o formato se eram cúmulonimbos, cirros, cúmulus, nimbostratos, stratoscumulus, stratus, nimbostratus. Depois pediu-se uma atividade: registrar através de fotografia uma nuvem e justificar porque o nome da nuvem que o aluno escolheu e o que ele está dizendo.

Aula dia 26 de novembro de 2013. Tema: “Mudanças climáticas”. Como seria a última aula efetiva, já que as próximas seriam as provas e exames finais, procurou-se dinamizar a aula o máximo possível. Como o tema é bastante conhecido e divulgado na mídia em geral, foram levantados alguns pontos para serem debatidos, como a questão da seca no Nordeste, as enchentes no Sul e Sudeste, etc., para que os alunos mostrassem seus pontos de vista. Em seguida foi exposto um vídeo (Figura 7) do Greenpeace Brasil que tem como título “Mudanças de clima, mudanças de vida”.

**Figura 07: Exposição de um vídeo do Greenpeace.**



**Fonte: MEDEIROS, Gilmar Galdino. Pesquisa de campo – 2013.**

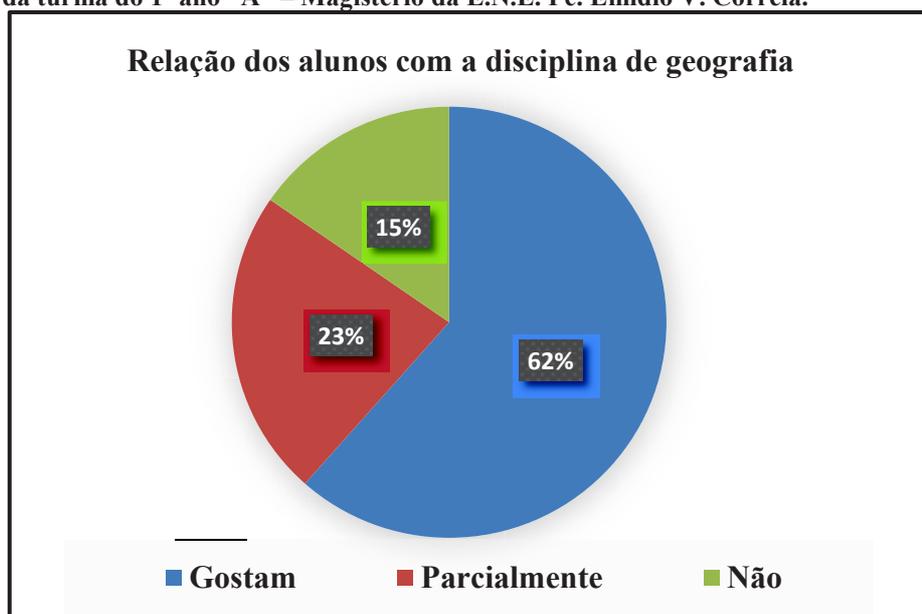
Acima a turma visualizando o vídeo proposto e fazendo algumas anotações de acordo com o que foi sugerido que observasse no mesmo para ser discutido posteriormente. Como atividade foi proposto um relatório sobre o vídeo, que foi disponibilizado para os alunos visualizarem em casa, valendo 7,0 pontos. Os outros 3 pontos seriam da produção de um

pequeno texto dissertativo com o tema: “O que posso fazer para cuidar do Mundo para as futuras gerações?”.

#### 4.2 Análises dos dados catalogados através de pesquisa em campo.

Para se discutir as percepções dos alunos em relação à disciplina de Geografia, aproveitou-se das narrativas, conversas informais, e de questionários relativos ao Ensino de Geografia e a regência do estagiário. Os dados a seguir são oriundos das repostas dadas pelos alunos aos dois questionários em apêndice. O Questionário 1 foi aplicado no início do Estágio IV e o segundo Questionário no fim. Conforme o gráfico a seguir que apresenta os resultados do universo pesquisado de 14 alunos da turma 1º ano “A” magistério, ao perguntar se os mesmos gostavam do componente curricular de geografia as repostas foram diversas e os dados resultaram nas discussões abaixo.

**Gráfico 01: Porcentagem dos alunos que gostam, parcialmente ou não de geografia da turma do 1º ano “A” – Magistério da E.N.E. Pe. Emídio V. Correia.**



Fonte: MEDEIROS, Gilmar Galdino. Pesquisa de campo – 2013.

De acordo com o gráfico acima, a maior parte dos alunos, mais de 60% dizem gostar de Geografia, que corresponde a nove alunos do total; alguns não gostam, 23% ou três alunos do universo pesquisado, por achar a disciplina “*muito chata*” e “*difícil de entender*”. Percebe-se então que o problema não está no corpo discente em não desenvolver os conhecimentos a respeito de determinados assuntos, mas na forma como esse conteúdo é trabalhado em sala

pelo professor. Logo, a aproximação dos conteúdos de caráter geográfico para a realidade do aluno torna-se imprescindível, pois segundo Castro, (2001, p.118):

A escala é uma estratégia de aproximação do real, que inclui tanto a inseparabilidade entre tamanho e fenômeno, o que a define como problema dimensional, como a complexidade dos fenômenos e a impossibilidade de apreendê-los diretamente, o que a coloca como um problema também fenomenal.

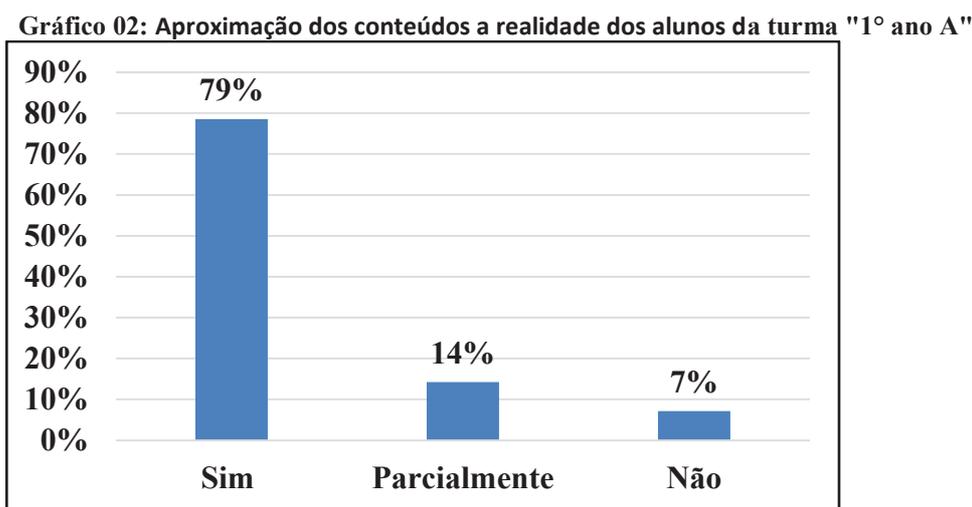
A escala permite um modo de aproximação do real, uma forma de tornar o mundo perceptível e de apreendê-lo, tornando-se indispensável para diminuir a distância entre o conteúdo, no nosso caso a dinâmica atmosférica, para a realidade do aluno. Portanto, se esse profissional arranja meios para dinamizar as suas aulas torna-as atrativa e interessante para os alunos.

Outra questão indagada é se eles acham a disciplina importante, as respostas do “Por quê” foram as mais diversas como: “*Sem Geografia não saberíamos nos localizar e não saberíamos diferenciar os lugares e as paisagens*”, “*Nós vivemos no mundo da Geografia*”, “*Podemos aprender a nos guiar com os mapas*”. Com as respostas pode-se evidenciar que a maior parte dos alunos vê a Geografia apenas pelo seu lado descritivo/informativo, sem consciência de seu papel social.

Por outro lado, foi perguntado o que os alunos esperavam da atuação do estagiário e as respostas foram diversas dentre elas destaca-se: “*Que explique de uma forma melhor e que faça atividades interessantes com mapas, etc.*”. “*Que dê o melhor dele como Estagiário*”, “*Que ensine direito*”, “*Que traga mais conhecimento para a nossa turma*”, “*Que explique direito para podermos entender o conteúdo e ter paciência com a bagunça da sala*”. Percebe-se através das respostas que o nível de exigência dos alunos em relação ao estagiário é grande, e que a dificuldade maior é a de entender o conteúdo lecionado.

Foi questionado também se eles queriam uma nova forma que mudasse as aulas de Geografia e a maioria disse: “*Que fosse utilizado mapas, atividades mais interessantes e com melhores explicações*”, “*Que as aulas fossem legais e que aprendêssemos mais de Geografia*”, “*Tudo*”, “*Que deixasse de falar muito e agisse mais*”. Com essas falas observa-se mais uma vez não é a falta de estímulo por parte dos alunos em relação à disciplina de Geografia para melhorá-la, mas coloca sobre o regente da turma a responsabilidade de desenvolver dar o seu melhor para o ensino de geografia, sendo assim, fica a critério do regente da turma ministrar uma aula ótima melhorando a visão do alunado sobre a disciplina ou torna-la monótona, repetitiva e decorativa como alguns veem a geografia.

A seguir tem-se as discussões referente ao segundo questionário que foi aplicado ao término do estágio para verificar se surtiu efeito o projeto desenvolvido na regência da turma. No gráfico consta-se a opinião dos alunos sobre o estagiário se conseguiu aproximar os conteúdos lecionados para próximo da realidade vivida por eles. Conforme o objetivo proposto no projeto de intervenção.



Fonte: MEDEIROS, Gilmar Galdino. Pesquisa de campo – 2013.

No gráfico de barras acima observa-se que de acordo com os discentes, o estagiário conseguiu colocar em prática e desenvolver com eficácia o projeto de intervenção elaborado a priori, tendo como objetivo a aproximação escala espacial, pois cerca de 80% dos entrevistados confirmaram o êxito do trabalho desenvolvido na turma. E conforme a justificativa dos mesmos: “*Sim, pois ele trouxe muitas informações*”, “*Sim, ele colocou tudo de uma forma fácil e prática de entender*”, “*Sim, porque ele se aprofundou nos conteúdos para trazerem como quase a realidade*”, com isso verifica-se a necessidade de trazer novos recursos, além do livro didático, para a sala de aula e trazer o conteúdo ministrado para a realidade dos alunos. Logo, a maioria gostou muito dos recursos que foram utilizados pelo estagiário em sala de aula;

Foi perguntado se os alunos compreendiam os conteúdos lecionados no 1º ano e a maioria disse que sim, fato que não é comprovado se levar-se em conta as notas deles na disciplina, que evidenciam a dificuldade de assimilação e/ou a incompreensão de fato dos conteúdos.

Perguntou-se se eles acharam mais fácil a compreensão dos conteúdos dos anos anteriores do que do atual 1º ano e a maioria disse que os anteriores eram mais fáceis de

entender e os conteúdos eram melhores, que tinha os livros. Com base no que foi acima exposto, evidencia-se que os alunos têm uma ideia que o livro didático de Geografia, com seu formalismo excessivo, serve e/ou colabora para a memorização. Como diz Kaercher “basta ler um livro didático de Geografia para percebermos que o seu formalismo excessivo leva à construção de uma ideia que permanece em nós: a da Geografia como um ensino árido, classificatório e distante de nossa realidade” (1999, p. 136). Porém, cabe-nos refletir e buscar formas que mude essa percepção que os alunos e a própria sociedade têm da Geografia.

## 5. CONCLUSÃO

O Ensino de Geografia cada vez mais deve ser pauta dos relatórios e produções acadêmicas daqueles que fazem licenciatura nessa área, visto que é discutindo-se sobre a temática que se chegará a um propósito comum a todos: a melhoria na qualidade das aulas de Geografia.

O professor é entendido como mediador entre o aluno e o conhecimento, como o instigador do desenvolvimento das atitudes críticas e sociais que o aluno deve agregar na esperança de uma formação cidadão e atuante na sociedade. São claras as dificuldades existentes no que concerne à prática do Ensino de Geografia e da estrutura encontradas nas escolas, como a carência de recursos e a desmotivação por parte dos alunos, e muitas vezes do próprio professor. Este, porém, deve conhecer e assumir seu papel de agente transformador mesmo em meio a uma sociedade e um Governo que por diversas vezes, não lhe possibilita agir dessa forma, por se encontrar muitas vezes imerso em uma realidade difícil, com certa quantidade de alunos desinteressados, descontentes, ou com uma escola que não dar a devida importância que a mesma possui.

Um dos papéis do geógrafo, seja em que contexto for, deve ser visar uma reflexão constante sobre tudo ao seu redor. O olhar do geógrafo é ilimitado e é essa atenção, essa percepção, que deve ser aperfeiçoada e levada aos alunos, para que os mesmos também enfrentem, analisem, discutam, pesquisem e resolvam, aquilo que está posto aos seus olhares e busquem uma verdade mais profunda, mais crítica e mais humana sobre o que acontece com o mundo e o universo. Afinal, o ser humano evolui cada vez mais em conhecer as fronteiras do conhecimento.

O professor como mediador deve ouvir os alunos, sistematizar as suas falas, criar e estimular os debates e os questionamentos, textualizar as dúvidas e conclusões elaboradas procurando sempre surpreendê-los. Provocar surpresas que estimulem a paixão pelo aprender, paixão em discutir com os demais e pensar em novas maneiras de organização do espaço e da sociedade, visando mais justiça, igualdade, respeito e pluralidade. Parece-nos um pouco “utópico”, mas é possível, basta o professor querer ser o agente transformador a dar o primeiro passo.

Com a observação efetuada na turma, pode-se perceber a carência de conhecimento geográfico por parte dos alunos. A grande problemática que foi verificada na turma foi à dificuldade da apreensão de alguns conteúdos relativos à área física da Geografia e a questão de chamar a atenção dos alunos para a disciplina de Geografia, visto que o professor pouco

dinamiza as aulas. Entretanto, o estágio de observação, contribuiu para que o discente tivesse a compreensão de realidades antes desconhecidas. Marcas positivas foram deixadas para o futuro de cada aluno, para a vida profissional e em sociedade.

As condições para o exercício da docência, apesar das adversidades na escola, ainda oferecem possibilidades de atuar na perspectiva do desenvolvimento pleno do aluno por meio de ações que envolvam o trabalho por projetos e de forma interdisciplinar. É papel de cada docente procurar sempre estar se reinventando e buscando formas de tornar suas aulas atrativas aos alunos, despertando, nos mesmos, reflexos positivos acerca da disciplina de Geografia.

## **ABSTRACT**

MEDEIROS, Gilmar Galdino. **E.N.E. FATHER EMÍDIO VIANA CORREIA IN CAMPINA GRANDE - PB: An analysis of Teaching and Pedagogical Practice in Geography**. Article (Graduating in Full Degree in Geography - CEDUC - UEPB) - Campina Grande - PB, 2017.

The teacher in his practice searches in the multitude of resources available support for his classes. In the world increasingly globalized and computerized, with the insertion of technologies in education, it is becoming increasingly important to seek new methodological procedures, by teachers, to improve their classes. This article has as object of study the supervised internship and the acquired competences of the professional activity and the curricular contextualization. It is from this understanding that this study proposes to present the results of the Supervised Internship in Geography III and IV. The objectives are the observations that the licensed made, after knowing the methodologies used by the titular professor and from a joint planning, to make interventions and collaborations in order to dynamize the teaching-learning process in Geography, Extirpating certain mistaken visions constructed (Critical, reflexive and participative), which a priori was only observation of the classes of the titular teacher, developed in the class of the 2nd Year "B" of the ENE Father Emídio Viana Correia, known as: "Normal School" and, a posteriori in class 1º "A" - Magisterium, of the same school.

**Keywords:** Geography Teaching; Supervised internship; Pedagogical Practice.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

ARAÚJO, Regina. **Observatório de geografia: 6º ano**. São Paulo: Moderna, 2009.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **História e Geografia**. Brasília: Secretaria da Educação, 1997.

Cartilha esclarecedora sobre a lei do estágio: **lei nº 11.788/2008** – Brasília: M TE,SPPE,D PJ,CG PI, 2008.

CASTRO, I. E. **O problema da escala**. In: CASTRO, I. E. , GOMES, P. C. C. e CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e temas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

KAERCHER, Nestor André no. **Desafios e utopias ensino de geografia**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

\_\_\_\_\_, Nestor André. **Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático**. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 3. ed. Porto Alegre: Meditação, 2000. Cap. 3, p. 135-170.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas** – 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

LEITE, Lígia Silva. **Mídia e a perspectiva da tecnologia educacional no processo pedagógico contemporâneo**. In: FREIRE, Wendel (org.). **Tecnologia e educação: as mídias na prática docente**. 2 ed. Rio de Janeiro: WAK, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1991. p. 35-52-79.

ONRUBIA, Javier. Et all. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1999

PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado** – 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

PONTUSCHKA, N. N. **Para ensinar e aprender Geografia** – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

TERRA, Lygia, COELHO, Marcos de Amorim. **Geografia Geral e Geografia do Brasil: o espaço natural e socioeconômico: volume único** – 1 ed. – São Paulo: Moderna, 2005.

<http://geociencias.cprm.gov.br/novointegrador/> acessado em: 03/02/17.

## APÊNDICE I

### ESCOLA NORMAL ESTADUAL PE. EMÍDIO VIANA CORREIA CAMPINA GRANDE – PB

Disciplina: Geografia

**Professor (Estagiário):**

**Instituição de ensino: Universidade Estadual da Paraíba – UEPB**

**Aluno:** \_\_\_\_\_

#### Levantamento de dados sobre o ensino de Geografia na Escola Normal. (Questionário 1)

##### Responda as questões abaixo de acordo com o seu conhecimento:

✓ Você gosta da disciplina de Geografia?

Sim ( )

Parcialmente ( )  
Por quê?

Não ( )

\_\_\_\_\_

✓ Você acha disciplina de Geografia importante?

Sim ( )

Não ( )

Por quê?

\_\_\_\_\_

✓ Qual sua opinião sobre a metodologia dos professores de Geografia que já teve?

Ótimo ( )

Bom ( )

Regular ( )

Ruim ( )

✓ Como você avalia a professor de Geografia atual?

Ótimo ( )

Bom ( )

Regular ( )

Ruim ( )

✓ O que você espera da atuação do estagiário de Geografia?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

✓ O Que você gostaria que mudasse nas aulas de Geografia?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## APÊNDICE II

### ESCOLA NORMAL ESTADUAL PE. EMÍDIO VIANA CORREIA CAMPINA GRANDE – PB

Disciplina: Geografia

**Professor (Estagiário):**

**Instituição de ensino: Universidade Estadual da Paraíba – UEPB**

**Aluno:** \_\_\_\_\_

**Levantamento de dados sobre o ensino de Geografia na Escola Normal. (Questionário 2)**

**Responda as questões abaixo de acordo com o seu conhecimento:**

- ✓ Em sua opinião o Estagiário conseguiu aproximar os conteúdos lecionados para próximo da realidade vivida por você?

Sim ( )                      Parcialmente ( )                      Não ( )  
Por quê?

---



---

- ✓ Qual sua opinião sobre os recursos que foram utilizados pelo Estagiário em sala de aula?

Ótimo ( )                      Bom ( )                      Regular ( )                      Ruim ( )

- ✓ Qual sua opinião sobre os conteúdos lecionados no 1º Ano?

---



---

- ✓ Você compreendeu os conteúdos lecionados no 1º Ano?

Por quê?    Sim ( )    Não ( )

---



---



---

- ✓ Em sua opinião foi mais fácil a compreensão dos conteúdos dos anos anteriores, do que o do 1º Ano?

Por quê?    Sim ( )    Não ( )

---



---